

DEPOSITO LEGAL

MARIA RITA



SEMANARIO

Humorístico

ARVALDO LEITE
CARVALHO MANTOVA
JOSE DE AZEVEDO

Director Artístico e Responsável de Redacção
OCTAVIO SERGIO



A guerra sino-japonesa



OCTAVIO
SERGIO
1933

— Agora com esta guerra atingimos a perfeição da civilização europeia...

Propriedade da Empresa do Magazine «Civilização» L.ª

Redacção e Administração,
Rua do Almada, 107-2.º
Telefone, 1819 — PORTO

Composto e impresso na
Imprensa Portuguesa,
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Directores literários:

Arnaldo Leite, Carvalho Barboza e José de Artimanha

Director artístico e secretário da redacção:
Octávio Sérgio

Condições de assinatura:

Continente e ilhas

Ano 45\$00
Semestre 24\$00

Colónias

Ano 50\$00
Registado 70\$00

Estrangeiro

Ano 60\$00
Registado 100\$00

Número avulso 1 escudo

Anúncios: Preços convencionais

Colecção PARA TODOS

A melhor serie de romances, dos mais interessantes
autores estrangeiros, de Aventuras de Amor, Poli-
ciais e Históricos, Literatura são



Preço de cada volume em todas as Livrarias
BROCH. 12\$50 — ENC. 17\$50

Rafael Sabatini

(o Dumas moderno)

- Scaramouche fazedor de Reis
- O Capitão Blood
- A Volta do Capitão Blood
- O Gavião do Mar
- O Príncipe Romântico
- O Grande Amor

Baronesa Orczy

- O Pimpinela Escarlate
- A Vitória do Pimpinela Escarlate
- Novas aventuras do Pimpinela Escarlate
- Sir Percy
- Eu me vingarei
- O Tirano
- Eldorado
- Rosamaria

Edgar Wallace

- O Milhão Perdido
- O Gabinete n.º 13
- O Vingador
- O Comandante de almas
- O Apartamento n.º 2

Um Perfil na Sombra
O Leão da Bólsa
A Serpente de Plumas

E. M. Hull

O Filho do Sheik
O Sheik

Elynor Glin

Macho e Fêmea

P. C. Wren

Beau Geste
Beau Sabreur

E. Barrington

A Divina Dama

Conan Doyle

A Cidade Submaria
A Caixa Sinistra

Jak London

Aventureira

LUÍS EDMUNDO O RIO DE JANEIRO NO TEMPO DOS VICE-REIS

Cvriosa reportagem histórica, reconstrução da vida social brasileira durante o vice-reinado do Brasil no Rio de Janeiro, 1763-1808.

Um grosso volume com mais de 500 páginas, grande formato e cerca de 300 ilustrações, na maioria originaes dos pintores brasileiros Wash Rodrigues, Henrique Cavaleiro, Marques Júnior, Carlos e Rodolfo Chambeland. Reconstituições feitas através documentos históricos. **Hors-Textes** reproduzindo estampas do tempo, telas, bem como outros aspectos da Arte portuguesa no Brasil Colonial. Luxuosa impressão

Assuntos do livro: A cidade colonial. A gente Ruas, praças vielas e alfarjas. Lojas, Mercadores e seus caixeiros. Ambulantes, Mendigos. Escravos. Procissões. Igrejas. Sentimento religioso da massa. Padres. Frades.

Um volume brochado pesando 1:600 gramas 75\$00

Irmãos da opa. Nosso Pai. A casa e sua arquitectura. A morada por dentro. Mobiliário. Criados. Cozinha e mesa. Donos e donas de casa. Nascimento, infância, adolescência e educação de sinhasinha. Namoro e casamento. As cortezias e obrigações na sociedade. A moda. Os elegantes do tempo. Médicos-Cirurgiões. Barbeiros. Parteiras. Dentistas. Algebristas. Sangradores. Feiticeiros. Santos curadores. Festas populares. Alegorias. Carvalhadas-Touradas. Congadas. Serração da Velha. As foliás do Divino. Outras diversões populares. Teatro. Actores. Espectadores. Plateias. Peças. Teatrinhos de bonecos. Justiça. Juizes. Causas. Advogados. Pelourinhos e força.

Direito de Família dos Soviets

Por **VICENTE RÃO**

Contendo o código das leis de casamento, da família e da tutela, traduzido e comentado. 2.ª edição, à venda em todas as Livrarias.

PREÇO: 20\$00

PEDIDOS À

Livraria Avelar Machado

Rua Poço dos Negros, 19-21 — LISBOA

LIVRARIA AVELAR MACHADO Rua Poço dos Negros, 21 — LISBOA

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO Rua do Almada, 107-2.º — PORTO

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS



Factos e prestações

Crónica anacrónica

Em certa aldeia do Marco de Canavezes, porque uma mulher de virtude, com moçada aberta — coisa que não faz muito sentido, porque a virtude feminina supõe uma casa fechada a sete chaves — declarou que uma vizinha tinha o diabo no corpo, logo cinco alentados populares tomaram a peito expulsar o energúmeno do organismo da criatura.

Foi radical o remédio: primeiro, uma sova de varapau até a pobre rapariga perder os sentidos; depois, um auto-da-fé em que a reduziram a torresmos. Se nem assim o diabo deu às vila-diogo, é porque é de cantchu para as pauladas e de amianto para os incêndios.

Não foi no Pungo Andongo que o caso se passou: foi num país da Europa, e no segundo quartel do século XX.

A's vezes, perante certos factos que veem à supuração, sentimo-nos tentados a dar razão ao Dr. Carlos Santos.

Vem de longe, e é mais geral do que se julga, a crença na incubação dos espíritos malignos nos organismos humanos. E são raras as terras que não possuam o seu exorcizador — muitas vezes um sacerdote — com preparação e aptidões especiais para a cura dos possessos. Nas Necessidades, ao deslido da Póvoa do Varzim, há ou havia um padre peritíssimo nessa arte, e que o Dr. Antero de Figueiredo focou admiravelmente, em toda a sua estupidez e ferocidade, na *Senhora do Amparo*. Em Cavez, na romaria de 24 de Agosto, vi eu há bastantes anos um ministro de Deus afegantar o lúminigo — subrepticamente internado no corpo de uma guapa moçoila — batendo sem piedade na cabeça da pobre vítima com a imagem de S. Bartolomeu. E lembra-me de ter visto também nos Arcos de Val-de-Vez, há quasi meio século, uma jovem lavradeira — por sinal lindíssima — que fazia diabruras várias porque o Tentador, apanhando-a a dormir de bôca aberta, se introduzira sem cerimónia por essa porta escancarada, instalando-se lá dentro com uma desfaçatez de inquilino moderno.

Desde êsse amaldiçoado dia, desatou o pobre do pai a percorrer com ela as mulheres de virtude das redondezas. Mas a todas as rezas, mênzinas e sortilégios resistia o príncipe das trevas, — até

que apareceu um sacerdote, capelão de casa fidalga, que se comprometeu a realizar o milagre. Sômente, para isso, era necessário que o deixassem todos os dias uma hora a sós com a paciente e o seu brevidário, mais com uma caldeirinha de água benta onde fazia de hissope um ramo de alecrim.

A família acedeu. E as sessões começaram, protelando-se por algumas semanas.

— Afinal, o diabo saiu? — perguntará o leitor. Saiu. Mas só de aí a alguns meses. Por sinal que parecia mais um anjo do que um demónio.

Gabriel D'Annunzio, escrevendo uma carta à actriz Kiki Palmièri, teve êste madrigal de génio: «Porque te chamas Kiki? Um nome de sagüi ou de periquito... Devias, antes, chamar-te Palma Palmièri».

Esta linda frase, traduzindo um mais formoso conceito, não o escreve qualquer rabiscador. Em Portugal, por exemplo, não conhecemos ninguém, excepto o sr. Júlio Dantas, capaz de conceber tão peregrina e original ideia. Não há nada como ter génio para se poderem tracejar banalidades.

Desde novo que D'Annunzio sonha com as palmas, — até no nome das mulheres. E a missiva em questão, se não é digna das palmas académicas, merecia, pelo menos, meia dúzia de palma... toadas.

O mais interessante é que o altíssimo Gabriel, escrevendo em 13 de Fevereiro e supersticioso como todo o bom italiano, não quis traçar no papel o número fatídico, e datou assim: «Vittoriale, 12 + 1 de Fevereiro».

Por causa de estes e quejandos maníacos é que na maior parte dos hotéis europeus o quarto n.º 13 é substituído pelo W. C., onde a permanência é de tão poucos minutos que não há tempo para se sofrer o influxo do enguiço. E D'Annunzio teria feito melhor, e seria mais facilmente compreendido pela pobre Kiki, que naturalmente desconhece as notações matemáticas, se tivesse datado assim: «Vittoriale, W. C. de Fevereiro».

Um antigo professor da Faculdade de Teologia de Coimbra, e hoje da Faculdade de Letras de Lisboa, descobriu que o autor dos *Lusladas* teve uma paixão assolapada pela infanta D. Maria, e que foi esta princesa a musa inspiradora de grande parte das suas líricas.

Pobre Luís de Camões! Começou a ser caluniado pelo P.º José Agostinho de Macedo, e tem vindo por aí fora até ao P.º José Maria Rodrigues.

Decididamente, nunca foi feliz com os homens de coroa na cabeça, — nem mesmo com os de coroa real.

Marcial JORDÃO.

Posta restante

David F. Soares — O que mandou, meu amigo, tem graça... mas ofende um bocadito. E nós estamos proibidos... Mande outras coisas por favor...

A. Ventura — Sempre gratos. O senhor é um novo Alvaros Cabral, com licença dos brasileiros natos e infictiosos.

Lérias — Pode mandar já as charadas. Estamos a coleccionar. Tome conta que as charadas tem de ser caciasas, isto é: pelo menos com um erro de ortografia no conceito. Quanto ao resto, disser te sobre o que entender.

Leão Pardo — Angola — Cá recebemos. O seu auto será publicado na primeira oportunidade. Mande mais porque somos de muito comer.

Sepol — Veio um pouco tarde. O que se puder aproveitar vai noutra número. Mas é preciso cuidado com quem de direito e de facto nos obriga a ser bem educados.

Incio de Lanhola — Porque é que o ilustre humorista, porque o é, não cultiva o género da

sua última crónica em verso. Se puder apareça por cá, das 6 e meia às 7. Tíhamos gôsto em conhecê-lo. Valeu? A Balada não foi rejeitada. Sairá.

J. T. Martins — Cambondo — Tudo a salvamento. Obrigado pelas cartas. São óptimas. Brevemente as lerá na nossa MARIA RITA.

Reirobi — Ficou entalada a sua do Carnaval. *Zé Barão* — A célebre glosa que lhe faltou foi deitada a baixo. Compreende-nos?

Carrioca, mê coração — Agradecidíssimo. Mande sempre e muito. Todas as coisas que mandar e valerem serão destacadas como a do Matias. E se mandasse coisas suas nesse género? *Océ* tem gracinha sua nega!... *Estamos esperando océ*.

S. O. 4-H. 2 — Cá lêmos. Tem de levar uma ajeitadela, mas há-de ser publicado. E' nosso amigo, e isso é o melhor cartão de apresentação.

Dr. Casto — Boas, as anedotas. Quanto ao resto, levou-o o diabo.

M. Vasconcelos — Não rimava. *Rui de Ortega* — A tal da semana passada foi p'ró major.

Barrote — Angola — Tudo recebido, e tudo ordenado. Mande mais coisas e faça por nós... que estamos sem vontade de morrer.

Balancete da semana

O doutor Cristiano de Morais,
lá na Maternidade — instituição
em que presta serviços colossais
e ganha um dinheirão —
tinha um cozinheiro, esvelto e fino,
chamado Napoleão.
Há nomes que nos marcam o destino:
um Justo é sempre um pobre sonhador;
dedicado, um Fiel; fero, um Leão.
Que admira, pois, que o lindo Napoleão
fôsse conquistador?
Em conclusão: um dia,
o doutor encontrou, ou pôde ver,
no quarto em que o Napoleão dormia,
um vulto de mulher
que não passara pela enfermaria.
Indignado com tanta impudicícia,
doutor Cristiano, sem piedade ou dó,
fêz chamar a Polícia,
— e ferrou com os dois no *xelindró*.
Quanto a nós, o doutor não andou bem.
E custa a conceber
que, neste livre século, já nem
numa Maternidade uma mulher
possa fazer esforços p'ra ser mãe.
E agora à puridade:
êste Napoleão, cujos afectos
vão muito além da estima e da amizade,
acaso não terá necessidade
de umas pontas de fôgo nos cornetos?

*

Todo se agoniou certo jornal
porque lá nos Brasis um tal Gondim,
em linguagem de preto e de saquim,
injuriou o velho Portugal.
Vale lá a pena êsse furor amargo!
O mar é muito largo!
Nunca um burro da selva americana,
por mais furiosos coices que despeça,
por mais que desatine e se embraveça,
pôde atingir a praia lusitana.
Se Gondim fôsse gente
e visse um palmo adiante do nariz,
eu dar-lhe-ia êste castigo leve:
que tentasse apanhar ao seu país
os juro e o dinheiro que nos deve.
Assim, com quatro pés e sem miolos,
rabo pendente e orelhas colossais,
deixá-lo em paz, — e não sejamos tolos
em lhe cravar a espora nos ilhais.

*

Queixam-se os de Louzada porque a Câmara
não faz obras. E o digno presidente,
(fidalgo verdadeiro
e Conde de Alemtêm)
apresenta um motivo concludente:
as obras necessitam de dinheiro,
que é coisa que não tem.
Tal e qual como nós. Não nos sorri
da vida hodierna o trágico vaivem.
Paciência... Pois, se o Alemtêm não tem,
como havemos de tê-los nós aqui?

colhidas em seara alheia

A coerência de certas expressões

A's vezes, o destino compraz-se em justificar muitas e variadas coisas.

Os jornais noticiaram, a semana finda, a morte do artista de circo Martim Verado, que usava o sugestivo nome de cartaz — "a bala humana".

Como se compreende fàcilmente, êste homem procurava ganhar a vida arriscando-a constantemente, deixando-se projectar no espaço disparado por um canhão que, afinal, e embora apropriado, lhe deu cabo da pele. E se não foi propriamente a peça que deu cabo dêle, foi a rêde onde o homem devia cair, a qual se rompeu com o seu pêso.

Era de esperar êste trágico fim, onde se verificou a exactidão dos termos que lhe serviam de rêclamo.

A contra-dansa asiática

Vai, não vai, deixa, não deixa, é o que se compreende acêrca do conflito sino-japonês.

Afinal, o único interêsse que êsse conflito desperta entre os potentados da Europa é o que se refere à remessa de armamento aos beligerantes. E enquanto os amarelos se matam uns aos outros, a imprensa dos países metalúrgicos publica os mais disparatados alvitres.

O *Daily Express* diz que a actividade da S. D. N. é contrária aos interêsses britânicos, e o *Times* salienta que o Japão não está em completo desacôrdo com a mesma sociedade senão no que se refere à Mandchúria.

Vão lá entender estes orientadores da opinião pública...

Influência do nariz?

Entre os índios da América Central, é venerada a efígie dum deus de grande nariz, que se presume ser do médico escocês William Patterson, fundador, em 1698, com outros, duma colónia europeia no golfo de San Blás.

Parece que êsse médico praticou muitas curas entre os indígenas, e êles, como reconhecimento, elevaram-no à categoria de deus tutelar das suas tribus, a julgar pelas varitas de virtude agora encontradas por exploradores etnológicos do "Instituto Smitsonian" de Washington.

Ocorre perguntar, em face da notícia dêste facto, se foram as virtudes praticadas pelo homem de ciência ou o avantajado do nariz que o impôs à consideração indígena.

O Frio... de Rachar

Vantagens — Desvantagens — Maneiras práticas de o evitar
Boletim Meteorológico da "Maria Rita"

Não há ninguém — apostamos — que não tenha gritado uma vez na vida: Hoje é que está um frio de rachar! Mas o que também apostamos é em como também não há ninguém que saiba a razão porque diz isto.

Porque a verdade é esta: O frio é irachável. O frio não existe meus senhores e minhas senhoras! O frio nunca existiu, porque o frio não é nada.

O que tem havido ultimamente é uma ausência de calor que dá que pensar ao mais coberto. Concomitantemente não tem feito frio; o que tem feito é uma falta de calor que faz tremer o fogão mais refratário.

O calorífero da MARIA RITA

Cá na nosso redacção, graças a Deus também temos tido falta dessa coisa. Felizmente para nós, e todos aqueles que teem a dita de nos visitar, temos instalado nas trazeiras, um formidável processo de calorías transoceânicas infalíveis.

E simplicíssimo! E prático! E económico!

Resume-se nisto: Da varanda das nossas trazeiras, vê-se perfeitamente o quarto de uma nossa vizinha que usa aquecimento central. E quando a gente tem a sorte de assistir a uma mudadela da sua indumentária registam-se imediatamente as seguintes temperaturas:

Transparentes corridos	0 graus
Idem erguidos e vizinha à vista . . .	5 >
Camisa saia, combinação e blusa . . .	11 >
Camisa combinação e blusa	12 >
Camisa e blusa	14 >
Blusa	16 >
Camisa	18 >
Nada	Um ataque de insolação.

Esta invenção, simples e prática como vêem, dá um resultado de tal forma extraordinário que deixamos de dar corda ao termómetro.

O tempo no Pôrto

E' claro que o nosso método de aquecimento não se pode trazer no bolso nem se encontra aonde calha.

Essa é a razão porque a temperatura não é igual em tôda a parte. Vamos por isso dar uma resenha das temperaturas variáveis:

Na rua	4 graus positivos
Nos cinemas . . .	16 > também positivos, graças a Deus
No forno da Confeitaria Matias	100 > acima do vulgar
Na fábrica de gelo da Serra do Pilar	0 >

Notícias Meteorológicas

— De Espanha nem bom vento nem bom casamento.

— Um violento tufão está assolando a Mandchuria. Consta que teem morrido algumas pessoas entaladas.

— Sabe-se de fonte segura que a neve na Rússia começou a cair vermelha. Diversos astrólogos filiam o extraordinário fenómeno no facto das evaporações do Dniester; mas outros dizem que é o céu a dar a sua adesão ao movimento comunista. O que fôr ver-se-á.

— Continua a haver calor na América do Sul. Alguns distintos *sportmans* teem procurado lenitivo em Portugal.

— Subiu o óleo de rícino.

— Paras e saber a direcção do vento, reparar na forma como se apaga um fósforo.

— Os calos também são um esplêndido pluviómetro.



Papelaria MARIZ

53, Rua das Oliveiras, 55 — PORTO

(Junto ao Teatro Carlos Alberto)

Bons papeis de carta, 50 fôlhas e envelopes, caixa a 2\$20, 2\$80, 3\$00, 3\$50, marca Tango a 4\$20, outros a 5\$00, linho finíssimo a 6\$50 e 8\$00. Papeis de fantasia, lindíssimos, desde 6\$50 a caixa.

Cadernos para estudantes da Universidade, Liceus e Institutos, em quarto, óptimo papel, de 20, 40, 80 e 100 fôlhas a \$50, 1\$00, 2\$00 e 2\$50, com lindas capas em cores,

Façam as suas compras, sem demora, que protegem os seus interesses.

Morrer de amor!!...

Por não ter dinheiro enfim,
 Casou-se pobre, sem boda...
 Fêz-me pena vê-la assim
 Tôda rota, tôda, tôda!!...

Vai p'ra fome (quanto a mim)
 Triste sina que anda à roda
 Da pobreza!... E' o caurim,
 Que uma má sorte acomoda!...

Vejam lá que desgraçada,
 Jamais feliz pode ser...
 Quem p'ra vestir não tem nada,

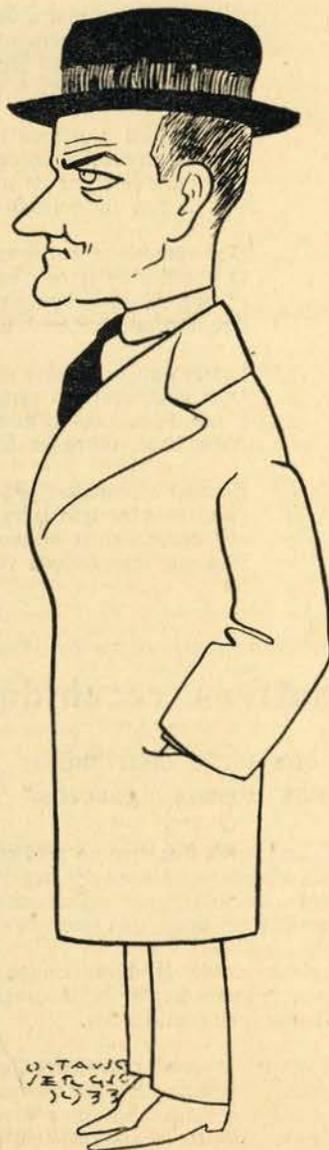
Dinheiro não deve ter
 Para o pão mesmo... coitada!...
 Só d'amor pensa em morrer!!...

Alfredo Cunha (RAZA).

PERFIS DO PORTO

XXXIX

DR. MARQUES TEIXEIRA



Perfil wagneriano. Professor distintíssimo. Falinhas doces e sôcos de escacha pessegueiro.

Bilhete postal sem... sê-lo



Os jornais noticiaram que um barbeiro se golpeou com uma navalha de barba, no intuito de se suicidar, tendo prevenido previamente a Cruz Vermelha.

Um Fígaro, cansado desta vida,
E decidido a terminar com ela
Co'a navalha que serve à clientela
Ensaçou realizar a despedida.

Mas num zêlo que a nada se assemelha
Resolve prevenir, telefonar:
Alloh! Alloh! eu vou-me suicidar!
De-pressa: venha a tempo a Cruz Vermelha.

Depois cortou, cortou... mas não morreu
Pois fê-lo com tal arte e tal carinho
Provando belamente, o pobrezinho,
Que cortava naquilo que era seu!

Ao hospital na maca, de corrida,
Levado foi. Coseram-no a contento:
Se pelos golpes não fugiu talento
Ficou-se tal qual era o suicida.

Mas não foi o primeiro, porque, em suma,
Eu de outro sei a história triste e bela
Que para se atirar de uma janela
Pôs na rua um colchão de sumáuma.

Mas entende-se a mágua de viver,
O que fica de facto p'ra apurar
E' esta de um fulano se matar
Pedindo que o não deixem falecer!

Lembra-me a história que eu ouvi um dia:
Dois compadres as cartas manejavam
E um dêles quando as ditas se pegavam
P'r'as tirar, sôbre os dedos *escupia!*

Escupia e limpava! Já se vê
Que ao outro isto fazia arreliar:
"O' compadre se houvera de limpar
P'ra que raio *escupi* vossemecê?"

Donativos recebidos **Ane d o t a**

e que serão distribuídos pelos nossos "garotos"

De uma alma boa que se acoberta sob pseudónimo de *Albardeiro*, recebemos cinco escudos, que agradecemos sinceramente em nome dos que vão ser contemplados.

Também desde já agradecemos a promessa de assinatura e a colaboração enviada que hoje publicamos.

Do sr. *José Frutuoso da Costa Carvalho* recebemos uma carta em que este nosso amigo declara abdicar a favor dos nossos pobres, da importância de 5\$00 escudos a que tinha direito como prémio do jogo do Quino, sob os pseudónimos de Secoalho I e Secoalho II.

Muito Obrigado.

*E' um caso verdadeiro
Este que vos vou contar.
Foi passado em Aveiro
Na pensão «A' Beira-Mar».*

*Beatriz, linda moçoila
Elegante e bem formada,
Servia numa caçoila
Bela lingua estufada.*

*Como aquela estava boa,
E gostasse o Doutor Pais
Mandou pedir à patroa
Que lhe desse um pouco mais.*

*Seu desejo satisfeito,
Pôs-se a rir a Beatriz.
Intrigado, um sujeito
Preguntou: porque te ris?*

*Responde ela, então que quer? —
«Como aqui não existe mingua,
Este senhor a comer
Vai-se perder pela lingua!»*

FILÓSOFO.

PELA TERRA DAS ALBARDAS

Arrochelândia, 20.

Damião de Góis Júnior — Este ilustre humorista, no n.º 15 de O Académico, refere-se a um órrível crime, «caso que assucedeu ali para as bandas de Penafiel, terra onde se albardam todas as magnas bestas».

Não está certo porque lhe falta alguma coisa.

Deveria ter dito, terra onde se albardam e albergam todas as magnas bestas.

Bem entendido que isto apenas se refere às de verdade e às que, não o sendo de verdade, queiram enfiar a carapuça.

S. P. dos A. — Vai ser criada nesta cidade uma espécie de Sociedade Protectora dos Animais.

Um dos fins principais será proibir a entrada dos ditos no Jardim Público, o que achamos acertado.

O § único do artigo 69, diz: «não poderão entrar nem mesmo acompanhados de senhoras».

A Propósito — Já que falamos em Jardim Público cabe aqui uma explicação.

Os jornais locais alcunham de autêntica selvageria o caso do corte das tílias na avenida principal deste formoso jardim e que no verão nos davam uma sombra de apreciar.

Mas, se êles necessitavam de tília para os chás, que não tomaram em pequenos e que agora desejam embarcar à pressa!?

Selvagens? Deus nos livre de pensarmos em tal. Verdadeiros homens de valor!

Agora até já desapareceu aquela canção que dizia assim: O' escolas samia!

Para a Corte do Pinto — Li há dias na secção elegante de um jornal local que foi ministrado instrução para a Corte do Pinto, Alentejo, um, aliás, inteligente professor desta cidade.

Isto, francamente, de se mandar um professor dar aulas para uma corte de um pinto qualquer, é forte! Ainda gostaríamos de conhecer os alunos... e de assistir a um exame final!

Fiat Lux! — Viva a moralidade! Isto agora é que é ter luz a forros.

Mais uma avenida iluminada!

Reüniram as forças vivas (êles ainda haverão por aí algumas vivas?) do concelho que apoiaram a resolução da respectiva entidade que resolveu iluminar a Avenida da Atafona. Os arcos voltaicos dão uma luz que deslumbra!

No dia da inauguração os estabelecimentos do local iluminarão as fachadas, e será servido um delicioso copo de água pelo pasteleiro da elegante Avenida. Que lhes saiba.

Faz Tudo? — Eu conheci-o. E' tal e qual o melro, esperto espírito jovial, mas não luzidio... e sem chapéu alto. Também não assobiava.

E' faz tudo? Sim; aí vai um resumo dos seus negócios: E' chauffeur de si mesmo, é electricista, é vedor, é jardineiro, é arboricultor, é inspector, é reformador das coisas de caça, tem a especialidade de iluminação de ruas, olha pela limpeza como ninguém, pelas carniças então é uma verdadeira adoração, e tem expediente.

Mas os outros, pergunta-me um vizinho? O que fazem êles se êle faz tudo.

Os outros, fazem número e já não fazem pouco.

ALBARDEIRO.

NAS

Galerias Lafayette

— da RUA FORMOSA — PORTO —

todos os artigos
teem um cunho
parisiense incedível

AUX GALERIES LAFAYETTE

JULIFER.

Resposta paga aos formidandos defensores do "Ecos de Cacia"

Pérola Verde, o pára-raios do célebre Damião de Cacia, no jornal de 1 de Fevereiro p. p. vem para o *Campo da Honra* armado até aos dentes. E, mal entra em campo dispa para tudo: a língua, as mãos e os pés.

E este homem, que veio para a lide com todo o aspecto de um gladiador sincero, e apaixonado apenas pela elevação do *Ecos*, perdeu agora tôda a serenidade e desatou a insultar baixa e torpemente, como se o insulto fôsse arma que vençesse. Só neste artigo que estamos comentando, emprega esta Pérola as seguintes expressões: *pedante, patarata, trapalhão, parvo, tôlo, pícaro e aerólito!*, além de umas outras coisas de que a estas horas já estaria arrependido e teria côrado, se é que se pode côrar por baixo de tanto pêlo.

Bem sabemos que o sr. Pérola tem língua para tudo, tudo. Mas também não seria de estranhar que o seu valor lhe desse ânimo para vir à liça sem o arnês do anonimato, e a desfiguração do baixo insulto, e atacasse de frente os assuntos de carácter humorístico que o folheto onde rabisca publica a miúdo em todos os números e em tôdas as colunas mesmo naquelas em que sua Excelência colabora.

Não foi assim, porém. E é por isso que podemos tirar as seguintes deduções:

O Pérola Verde, uma vez no campo, não anda a direito; ladeia muito bem. E como só de o insulto se utiliza, podemos concluir que não é bom para cortesias.

Acêrca das palavras injuriosas com que nos brindou, só nos resta dizer que cada um dá o que tem e não é mais obrigado.

Também um outro cavalheiro, que se assina *tout court* Ferreirinha, resolveu descer à estacada em defesa dos *Ecos* do Damião. (São todos encobertos estes defensores).

E' sempre louvável o intento de defender os fracos. O que não é louvável em parte alguma é mentir. E o sr. Ferreirinha, que deve ser corredor de automóveis pela semelhança de apelido, tem lido a MARIA RITA de cima do seu torpedo e a 100 quilómetros à hora. Por isso não viu, não leu, ou não quis ler e ver, que a MARIA RITA, tem atacado todos os jornais, semanários ou não, que se prestam e para tal dão o flanco. E de resto, que é que o senhor diz em tôda a sua carta? Nada.

E isto não admira, sr. Ferreirinha, porque o senhor por mais que estique tem de ser sempre um diminutivo.

E agora, querem ver Vossas Excelências, o que estes senhores defendem? E' um jornal que insere coisas dêste jaez. O que se segue são uns recortes do mesmo número onde somos insultuosamente atacados pelos dois cavalheiros acima. E' um anúncio, um soneto maravilhoso, e três bocados de correspondência, que fizemos estampar para que se não diga que mentimos.

Padaria

Transpassa-se uma muito bem situada dentro da cidade de Aveiro e por um preço muito barato.

Tendo bons alujamentos e um forno esplendido sistema Fransez

Para informar com Joaquim Simões Burrento.

Rua do Gravito n.º 11 AVEIRO

O MAR

Oh! O mar como é lindo
O mar me faz companhia
O mar terra do triste poveiro
E que a morte lá sempre sorrindo

Ninguém ousa dizer que contém
Um seiço aquoso como o teu
E embebedo trazeste o destal meu
E me fizes um dia ser alguém

Tu és o Rei proprio da beleza
Mas também és o Rei da tristeza
D'oudeas que' murtas d'improviso

Mas tu sempre impraras o mundo
Sabendo casigar o trauido
Mostrando eterno um débil sorriso

PORTO-12-2-933

Lamida.

Mataduchos e Alumieira

O TEMPO—Ultimamente tem melhorado um pouco o tempo tendo feito já alguns dias temporaes nordestes, cujos tem feito não só atrofiar as pastagens e ortaliças, como varrer com as muitas variadas lamas que ultimamente tanto tem apouquento estes dois e encantadores lugares da Mataduchos e Alumieira

De Azurva

O TEMPO—Ultimamente o tempo melhorou consideravelmente, os nossos lavradores andam numa roda viva com as suas parreiras, que aqui e ali, já comessam mostrando os seus olhos

CASAMENTO—Está para breve o enlace matrimonial da muito simpática menina Maria de Lurdes Oliveira, com o sr. Antonio Figueira, da Oliveirinha.

Com antecedencia, aqui apresentamos as nossas saudações.

Tambem nos informam, que esta para muito breve o casorio da menina Leopoldina Marques da Graça com o nosso amigo sr. Fortunato de Esqueira

Aser como dizem, igualmente aqui nos agradecemos a enviar os nossos sinceros parabens, por tão auspicioso enlace

M. S.

De Angeja

Estaaas Vindo de Lisboa em bicicleta, onde estava emprega do na industria de Panificação, acaba de chegar a Angeja, na ultima semana para assim passar uns 30 dias de licença na companhia de sua dedicada familia o nosso consuetudo amigo e as sinante do «Ecos de Cacia» sr Benjamin Rodrigues Tavares

A este nosso conterrâneo, pelo coragem e audácia com que se distinguiu na sua viagem perante três companheiros, é digno dos nossos louvores.

Receba pois, Benjamin R Tavares, os nossos mais sinceros cumprimentos de boas vindas.

Batizado—Realizou-se no domingo p. p. na nossa igreja niaztriz o batizado de um interessante filhinho do nosso amigo sr João da Salgueira

As nossas felicitações aos pais do novo filho de Angeja.

Julgamento—Tiveram lugar no dia 10 do corrente mês em Albergaria-a-Velha, os julgamentos dos nossos conterrâneos e amigos srs. José Estrela, e José Maria Chapado, os quais foram condenados.

Para assim de perto melhor apreciarem estes julgamentos, vimos ali dezenas de pessoas de Angeja.

Contradança—No domingo p. p. andou divertindo-se n'esta freguesia, uma unda e bem ensaiada contradança do visinho lugar de Taboeira

Angeja recebeu estes com certo dilirio.

Os nossos parabens aos seus promotores.

As Ruas—E' uma palavra dura de roer, as Ruas de Angeja, mas é mesmo assim, as Ruas, as Ruas E não há quem deite mão d'esta decantada miseria. Miseria sim, porque não á quem lance a vista sobre este importante melhoramento: a reparação das nossas Ruas da A'gra, Espírito Santo e Ribeiro

Nós aqui n'este humilde jornal, de que ha tempos fazemos parte da sua colaboração, já de tempos viemos pedindo providencias, a quem compete para que estas artérias sejam reparadas por quem de direito, sem que até hoje os nossos apelos tenham dado êco

Missionarios em Angeja—Durante esta semana tem estado n'esta encantadora freguesia, 2 missionarios em missão religiosa, que todos os dias fazem as suas práticas que são apreçadas por centenas de crêntes, não só de Angeja como das terras circunvisinhas

Correspondente



A Gigi

GIGI MARQUES era uma encantadora damizela de 22 primaveras quási intactas. Um tudo nada morena, sob o narisito arrebicado a sombra de uma penugem aveludada, Gigi Marques, era um apetite de mulher em cujos olhos negros, quais gentios da Guiné, o leitor assíduo, meu e da dita Gigi, poderia ler inconfessáveis lubricidades ululantes!

Filha quási legítima de Jeremias Marques e de sua infedelíssima espôsa Maria Marques, a Cotinhas Marques, como era conhecida na intimidade, Gigi, chegada a idade de assentar praça em espôsa amantíssima, contraiu o matrimónio com um abastado parvo do Ribatejo, Lucas, de nome e de facto, — um rapagão de 1^m e 70 centímetros, pouco mais ou menos se a memória me não falha.

Após a cerimónia religiosa, dirigiram-se os noivos, acompanhados de sua comitiva, para casa dos pais da noiva, onde foi servido um lauto banquete, tendo-se trocado afectuosos brindes, segundo a crónica mundana de *O Primeiro de Janeiro*...

A' bôca da noite e ao som da Por-



O Jeremias

tuguesa, deram os noivos entrada no tálamo conjugal, onde eram esperados pela Deusa Venus que vestia camisa côr de rosa e tinha nos lábios um sorriso de estonteante malícia.

Gigi, ofegando e andando, caminhou num belo gesto de romântica ternura para o bem amado e apetecido noivo, passou-lhe os braços em torno do pescoço, beijou-o demoradamente na boquita avermelhada, e disse-lhe:

— Lucas, meu querido Lucas!

Aquí me tens à tua *indisposição*. Assobe por mim acima, chama-me Gigi Marques e faz o que quizeres desta tua *indolatrada*.

Lucas, que prosseguia um tanto pálido, desprendeceu-se da cupida teia de seus braços e dando-lhe com as costas da mão uma pancadinha no baixo ventre, rosnou languidamente:

— Sua doida!

Depois puseram-se a brincar de joelhos no tapete persa de Beiriz como dois gatinhos, encostando as cabecitas loucas em marradinhas inenarráveis. Entretanto, os ponteiros de um relógio, que por especial deferência para com os promotores da festa, estava sôbre a mesinha de cabeceira, começaram a correr pornográficamente atrás um do outro, até atingirem ambos o zero da meia noite.

Aí por volta das 2 da madrugada ouviu-se um formidável estalo nas ventas da impudica Gigi, acompanhado destas ignóbeis afirmações:

— Sua pérfida!

E Gigi Marques, entanto que Lucas ressonava de assobio, sentada na poltrona da antecâmara chorava baixinho, dizendo as mil angústias da sua dor.

Ao outro dia, à hora do almoço, Lucas, tomando o último gole de café, dizia solenemente, num grande ar de orador oficial, virado para a sogra:

— Mamã, participo-lhe que, embora me não sinta com ânimo para ir no bote, parto amanhã para Buenos Aires.

E dizendo isto, retirou-se profundamente comovido.

A sogra, num grito horrível, ainda disse:

— Filho, filho das entranhas de tua mãe: detem os teus *inresolutos* passos.

Lucas, porém, feito com o apelido, saíu pela porta fora com tal violência, que se ela estivesse fechada teria saído mesmo pela porta dentro.

Enquanto o assás enérgico Lucas dirigia seus suavíssimos passos até à Agência de Passaportes, D. Maria Marques, inconsolável sogra na mais negra e dura orfandade, assim falou, com soluços na garganta:

— Minha filha, o que se passa é *inconcewibel*. O que *hadem dezer* agora essas *delanvidas* das Tavares?! Dois

Maviosa despedida

Já *Tripeiro* não sou! Por desventura Deponho com mortal abatimento O nome cuja glória não aumento No prélio que hoje deixo em ventura!

O' *Tripeiro* «de gema», e gema pura! Se há em ti alma clara e sentimento, Esquece o meu audaz atrevimento E perdoa a quem fêz tão má figura!

Vou entrar no *convento* de Cacia, Pois só lá ganharei celebridade Que afugente a cruel melancolia

Que implacável, fatal, meu peito invade! E tu guarda o teu pêlo da tosquia, Que em paga te respeito a... castidade!

TRIFEIRO.

DOIS PARA DENOS AIRES

Um conto co há muitos

dias *impoz* a natalícia festa do teu *me-trimonio*, teu marido, *avandonando-te* acremente, deixa de o ser... E passando um dedo ao arrepio pelo nariz: ná, aquí há coisa. Tu *bais dezer-me* tudo, tim-tim por tim-tim.

Gigi, de olhos postos sôbre a alvíssima inocência da toalha da mesa, ruborizou-se um tanto.

A mãe, porém, percebendo o natural pudor, acrescentou:

— Tens *bergonha* de falar a mais eu em assuntos *pernograficos* diante do *analfabético* sexual que é teu Pai? Pois *munto* que *vem; abinça* comigo *inté* à sala de *besitas* e *avre* o relicário do teu *sintir* a esta tua mãe *amantissema*.

Ao ouvir tal, Jeremias ergueu-se e foi surrateiramente meter-se debaixo do sofá da sala de visitas, para, segundo o seu pensamento, poder ser testemunha ocular das revelações orais de sua filha.

Reclamação

Meu ilustre director, Isso que lhe vou pedir, E' expressão do meu sentir, Com manifesto terror.

E' o seguinte: sem mentir... Pedia-lhe por favor De dar mais algum valor Ao meu nome, sem se rir...

Escrevem-no todo sem senso, Diz-me n'um berro o carteiro, De raiva tremendo imenso,

Não está certo seu brejeiro Chamarem-lhe Lúlio Lourenço Quando é Júlio Loureiro!

(Cópia).

Rei LOURO.



O Lucas

naturada *criença!*—interveio Dona Cotinhas.

Então Gigi, erguendo-se do sofá e levando uma mão ao peito, desabafou:

— Minha senhora mãe: Lucas *aberi-guou* que as minhas vinte-e-duas primaveras já não estavam intactas...

Mal cabendo em si, D. Maria Marques, ergueu-se de súbito, cheia de dor e espanto.

— Ah! meu Deus — dizia a pobre mãe — foi o castigo de Deus... Também eu há vinte e dois anos assim *m'apresentei* ao *inalfabetico* do teu pai!

E correram uma para a outra, abraçando-se carinhosamente, no impulso da nobre camaradagem.

Entretanto Jeremias deitava a cabeça de fora e dizia:

— O' *Cótinhas*, arranja-me as malas. Parto amanhã para Buenos Aires com o meu próximo futuro passado genro.

Octávio SÉRGIO.



A Cotinhas

A MELHOR QUE EU SEI

Anedotas, Epigramas & Calemburgos

No número 44 da MARIA RITA, foi premiada a anedota n.º 168

N.º 171

Numa loja de barbeiro:
Durante o tempo que o patrão serve um cliente dá-lhe uma vontade inadiável. Vai a um canto do estabelecimento e satisfaz a sua necessidade.

O freguês (boquiaberto) — O Sr. Figaro: então você faz isso assim dentro do estabelecimento?

Figaro — Não faz mal. O senhor não vê que a casa está com escritos. Saio no fim do mês.

Entretanto o barbeiro acaba de servir o cliente. Este levanta-se da cadeira, vai a um canto da sala, desaperça-se, põe-se a examinar o solo a olho nu, e faz também as suas necessidades.

Figaro (irritado) — Então que porcaria está o senhor a fazer no meu estabelecimento?!

Freguês — Não faz mal. Eu saio já.

Remetente: H. Romeu.

N.º 172

Entre duas crianças:

— Eu ontem fui ao circo e vi um homem levantar outro com a bôca.

— Isso não é nada. Meu irmão mais novo ainda faz mais: De noite com a bôca faz levantar toda a gente da cama.

Remetente: António da S. Monteiro.

N.º 173

O professor para o aluno:

— Porque esereveu espingarda com dois «pp»?
— Porque julgava que a espingarda tinha dois canos.

Remetente: Dr. Casto.

N.º 174

— Sempre desgraças no caminho de ferro!
— Então que sucedeu?
— No combóio das oito chegou minha sogra.

Remetente: Zé Barão.

N.º 175

Entre amigos:

— Bravo! Tu compraste para tua mulher um piano magnífico!... Quanto te custou?
— Muito caro!... A minha tranqüillidade...

Remetente: Zeca Lado.

N.º 176

EPIGRAMA

Lembrou-se de casar José Farruco;
Depois não quis; e a causa? Ao pôr do sol Enterneceu-se ouvindo o rouxinol
Mas já de tarde tinha ouvido o cuco.

Remetente: Lemos de Albergaria.

N.º 177

O visitante, depois de percorrer tôdas as salas:

— Há mais alguma coisa que ver?

O empregado:

— Só se V. Ex.ª quiere visitar a Casa-Pia.

O visitante:

— Muito obrigado, mas agora não tenho vontade.

Remetente: José R. Viana.

N.º 178

Um espertalhão entra numa confeitaria e pede meia dúzia de pastéis de nata.

Uma vez servido, disse para o caixeiro:

— Afinal, enganei-me. Queira desculpar, o que eu queria eram pastéis de ginja. O senhor troca?

— Sim, senhor, o preço é o mesmo.

O sujeito pegou no embrulho e dispõe-se a sair.

— Peço desculpa — diz o caixeiro — o senhor ainda não pagou os pastéis de ginja.

— Ora essa. Então não os troquei pelos de nata!

— Sim; mas o senhor ainda não pagou os de nata!

— De-certo que não. Pois se lhos deixei ficar...

— Tem razão — exclamou o caixeiro, apavorado.

Remetente: Au-Rio.

N.º 179

Carta de mãe a filho ausente:

Meu filho, saudades infandas, etc., etc.

Sê sempre económico, trabalhador e tem cuidado com a tua saúde.

Alimenta-te bem e não faltes com nada à barriga, e de estravagâncias o que há de dar às mulheres, mete-o pelo teu corpo dentro.

Remetente: Avlsi.

N.º 180

Uma senhora perguntou a um cavalheiro a significação da palavra «pretérito»:

— É aquilo que nos fica atrás.

Passados dias a mesma senhora entrou num estabelecimento para comprar um chale. Como lhe parecessem pequenos os que lhe apresentaram, disse para o caixeiro:

— Quero um grande... que me tape o «Pretérito».

Remetente: Zé Guerra.

N.º 181

O filho, queixando-se ao pai:

— Papá, o senhor professor deu-me uma canada!

O pai, distraído:

— Então vens bêbedo, meu grande patife!

Remetente: Rutra Luar.

N.º 182

— Como conseguiu a sua fortuna?

— Associe-me a um homem muito rico; êle tinha o dinheiro e eu a experiência.

— Sim, e depois... agora tem êle a experiência e eu o dinheiro...

Remetente: Elmano Otrebla.

N.º 183

Vendo uma casa com escritos, Praxedes dirigiu-se ao guarda-portão do prédio a pedir informações. A mulher do porteiro, palradora como tôdas as mulheres, informa logo:

— A casa tem guarda-portão *intelétrico* à porta, pias fora da janela. um magistrado no segundo andar, uma viúva por baixo, e água de colónia no quinto andar.

O pretendente maravilhado:

— Água de colónia no quinto andar?

O porteiro, intervindo:

— Minha mulher exagera talvez um pouco...

Mas, como a ordem dos factores é arbitrária, não andou muito longe da verdade. No quinto andar não há água de colónia, mas há uma colónia de água... Isto é, mora lá uma colónia de aguadeiros.

Remetente: Reirobi.

N.º 184

Barjona de Freitas devia dinheiro a diversos indivíduos e evitava de tôdas as formas encontrar-se com êles.

Certo dia, estando num sítio reservado, appareceu-lhe um dos credores que perguntou, de mau modo:

— Então quando me paga?

O devedor, muito pacatamente, respondeu:

— A vida tem-me corrido torta. Deixe ver se a coisa se indireita e o seu buraco é o primeiro a ser tapado.

Remetente: Silva.

N.º 185

EPIGRAMA

Teus juramentos fatais
Teem, ó bela, a sina fria
Das acções comerciais.
Descem muito certos dias
Noutros dias sobem mais!

Remetente: O artilheiro de 1836.



Restaurante Portuense

(ANTIGO PINTO)

DE MESSIAS DE ALMEIDA

Rua de Entreparedes, 11—PORTO

Almoços com vinho 9\$00

Jantares com vinho 10\$00

Diárias com quarto desde 18\$00

Cartas do Mondego

Colega MARIA RITA:

A gripe não me deixou que te enviasses as minhas notícias a semana passada.

Agarrei-me com unhas e dentes a xaropes e a quantas drogas me quizeram impingir e, o que é verdade, é que já estou bom e disposto a enviar-te as minhas cartas.

Roubaram o badalo à célebre e tradicional *cabra*. Mas já encontraram outro, o que, afinal, não era difícil, dada a gente que dá ao *badalo*. Era só questão de procurarem!...

O crime da Poça das Feiticeiras continua a dar que falar. E' o que se chama um crime enfeitado.

O Carnaval êste ano foi um Carnaval *comme il faut*.

Carros alegóricos! Cabeçudos! Serpentinhas! Confetti! Muita alegria!

O cortejo morreu. Jogou-se animadamente e gastaram-se uns bons alqueires de tremôco e feijão.

Um Carnaval civilizado!

No cinema, depois da *Vida Fácil*, deram-nos *Maridos em Férias*.

E' claro que sendo a vida fácil, os maridos aproveitam e fazem umas feriazinhas matrimoniais.

Apresento-te hoje a minha amiga Maritza, uma rapariga moderna, livre, que detesta os preconceitos estúpidos, como ela diz, e que leva a vida a rir e a blaguear.

E' um bocadinho filósofa, embora nunca tivesse tomado conhecimento com Comte, Bergson, Schopenhauer ou outros filósofos.

Nasceu filósofa como poderia ter nascido cega ou maneta.

E' bonita. A sua beleza, uma beleza invulgar, causa arrepios. E' tentadora. Tem uns olhos que parecem duas brasas — quando olham, queimam.

O corpo é flexível como as palmeiras onde canta o *sabiá*.

Alguns pensamentos de Maritza:

Os homens mais felizes são os médicos. Porquê? — Porque enquanto um outro homem para me ver nua me paga, ao médico sou eu que pago.

Não compro bulas e, contudo, como carne todos os dias.

Hoje beijei um homem. Quando o beijei tive a impressão que atraçoara o homem que amanhã me há de beijar.

Não creio no amor sem ter, pelo menos, um colar de pérolas no meu regaço.

A vaidade nas mulheres é um dom. Nos homens é uma imbecilidade.

Os homens são como os fósforos. Basta tocar-lhes para se incendiarem.

Ficaste, MARIA RITA, a conhecer Maritza, a mulher de olhos de fogo.

Vou agora apresentar-te, já que estou em maré de apresentações, o meu amigo Florêncio, outro filósofo desconhecido.

Repara como êle critica os pensamentos de Maritza.

Ser médico é ser herói! — E' ir à guerra, ter o terreno conquistado e, muitas vezes, desistir... porque o terreno não presta.

Só côm carne quando me apetece. Mentira! A's vezes é porque não posso.

Beijar uma mulher bonita é bater às portas do Céu. Beijar uma feia é cair no Inferno.

As mulheres são como as gaitas de foles, enchem-se de vento e deixam-se... tocar.

As mulheres vaidosas são como frascos de perfume. A estes destapam-se... evapora-se a essência.

Aquelas despem-se... Cai-lhes a vaidade.

Se os homens são como os fósforos, há mulheres que gastam centenas dêles.

A carta já vai longa. Até à próxima! Abraça-te o

MIL REIS.

Falecimento

Fomos dolorosamente surpreendidos pelo falecimento da menina Maria Elisa, filhinha querida da Ex.^{ma} Sr.^a D. Joaquina Nunes da Silva Madeira e do nosso dilecto e presado amigo Sr. Carlos Morgado Madeira.

MARIA RITA, jornal humorístico, habitualmente galhofeiro, abre um parêntesis para fazer sentir o seu muito pesar pelo desgosto que aflige o nosso querido amigo e sua Ex.^{ma} Espôsa.

Réplica a "Tripeiro"

Cá recebi a resposta e p'ra falar com franqueza, não vejo na questão posta em que denote avareza.

Se raler bem o pedido que lhe fiz o mês passado, verá não ser atrevido, mas antes bem delicado.

Não fiz perguntas de saco para poder alcinhar de questionário velhaco o que eu queria apurar.

Não fui claro, não o nego, mas também, note o que digo, torceu bem o bico ao prego, não respondeu como a amigo.

Não lhe contesto o prazer em que se assine « Tripeiro », mas só queria esclarecer qual de nós dois o primeiro.

A idade que o amigo tem, regula bem pela minha, e é por isso que eu também mantenho o nome que tinha.

Diz que findado o concurso fará tratado de Paz! Assim mostra não ser urso, mas antes um bom rapaz.

Mas enquanto não termina, fica assente êste sistema, Você « Tripeiro » se assina E eu cá

TRIPEIRO (de gema).

RISO ALHEIO

Perder de vista



A porteira — *Veja lá não perca de vista os 5 degraus que ainda faltam...*

Oportuno



— *O senhor faz o favor de me emprestar o seu lume?*

Exploradores



— *Na minha viagem à Zambézia encontrei muitos leões.*

— *Ainda bem que não foram eles a encontrá-lo a Você...*

Razão de pêso



A sopeirita, escandalizada — *Para a outra vez é melhor o senhor pesar o que diz...*

O farmacêutico — *Desculpe, menina, mas tenho a balança estragada...*

O Aspirante a ... Magala

Como vou p'ra militar
E gosto d'aquela ofício,
Comecei-me já a treinar
Nas regras do exercício.

A casa da minha amada
Onde lancei o anzol,
Trago-a tão bem guardada
Como se fôsse o paiol.

E se acaso vejo aberta
Alguma vez a janela,
Fico tôda a noite alerta
No pósto de sentinela.

Já lhe tenho feito guardas
Em noites que ela não sai;
N'uma, vi-me em calças pardas
Por me lá apanhar o pai.

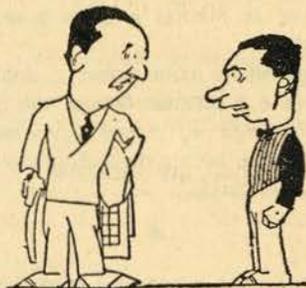
S'êe me não descortina,
Pela mansinha, à capucha,
Eu entrava de fachina
E dava um tiro na mucha...

Pobre de mim, foi um laço
Que me armaram bem armado...
Eu que andava a marcar passo,
Vim de lá acelerado.

Se o plano vai p'ra frente,
Sem queimar nem um cartucho
Talvez já fôsse tenente
Assim ... nem sequer galucho!

ALVECOS.

Esperteza de criado



O patrão — *Se alguém perguntar por mim diga que eu saí e demoro 8 dias...*

O criado — *E se ninguém perguntar?*

Os socialistas



Enquanto os amarelos se batem uns com os outros, nós batemo-nos com o verde...

Não valia a pena



Ele — *Porque me não disseste, desgraçada, que tinhas um filho?*

Ela — *Ele é tão pequenino, tão pequenino, que entendi que não valia a pena...*

Quem é?

O «quem é?» d'hoje, leitores,
E' p'ra os cinéfilos de gema,
Pois o conceito, senhores,
E' uma estrêla de cinema.

O primeiro nome, só digo,
Que quem quiser saber,
Olhe por um «buraco», amigo,
Que de-certo o há de ver.

O segundo, que harmonia,
Que «aprumo», e que altivez!
Agora, até qualquer dia,
Não digo mais desta vez.

LÉRIAS.

Anexim

Eu conheço um cavalheiro
Que é palrador de primeira
Não diz uma pró tinteiro
Abre a bôca e sai asneira.

Quer merecer tôda a atenção
De pessoa muita esperta
Mas lá diz o tal rifão
.....?

Francisco José RODRIGUES.

Decifração do número anterior — *Quem é?*
Octávio Sérgio; *Anexim* «Quem espera desespera».
Matadores: Reirobi, Oinotna, Cardial Mina,
Mário Soares, Fantasma Negro, Monteiro II, Fran-
cisco José Rodrigues, Tom Nix, Au-Rio, Ze Barão.

As soluções desta secção tem de ser entre-
gues na nossa redacção até às dezóito horas
de terça-feira seguinte.

Máximas de Gustavo Parreira

Quem espera por sapatos de defunto,
deve reparar que o defunto use o mesmo
número.

A economia tem por base a pobreza.

Deus fêz o homem à sua imagem e
semelhança. Quem fêz a mulher? Se
foi o diabo, era muito melhor artista.

Não desejes a mulher do próximo.
Espera sempre que êle esteja ausente.

Jesus transformou a água em vinho
e chamaram-lhe milagreiro. Os tasquei-
ros fazem o mesmo e chamam-lhes mi-
xordeiros.

Quem canta, não tem mais nada que
fazer.

Nem por muito madrugar os bancos
deixam de abrir às 10 horas.

Quem tem telhados de vidro, não
precisa de claraboia.

Se Jesus andasse hoje pelo mundo e
multiplicasse esses milagres por aí além,
o que o Douro não protestaria! Os
homens do Douro foram sempre pro-
testantes...

*Se aquilo que a gente sente
Cá dentro, tivesse voz*

andavamos todos, cá fora, à pancada
uns aos outros.

Quem cabritos vende e cabras não
tem é o carneiro.

Pela aragem se vê quem vai à «Mi-
nhota»...

De António Nobre:

*Ah, nem tigres, nem águias, nem condores,
Abrem as casas, lúgubres cavernas:
O coveiro é o melhor dos construtores!
As suas covas são casas eternas.*

Ilusões de poeta!

Se se não paga o aluguer, ao fim
cinco anos vem o mandado de despejo
e entra novo inquilino.

Rui de ORTEGA.

ANUNCIOS da MARIA RITA

ACHADO — Achou-se um pêlo da careca do
Carvalho Barbosa, perto da Senhora Húmida. O
desgraçado apresentava sintomas de pneumonia
dupla. Recolheu ao Hospital.

PERDEU-SE — Filho-família, de dezóito pri-
maveras. Dá pelo nome de Jójú. Usa pulseira,
anda sem chapéu e tem uma nódoa cor de rosa no
mamilo esquerdo. Desconfia-se que esteja perdido.

DESASTRE MORTAL — Por ter caído
dum terceiro andar, viu-se ontem livre de sua
boníssima sogra o nosso amigo Fortunato da Feli-
citação. O desventurado arrependeu-se quando
estava a chegar ao primeiro andar, mas, por uma
resolução heróica, transpôs com a maior sereni-
dade o espaço que ainda o separava do chão.
Deixa a viuva inconsolável com 875 contos,

CARTA DE HAFRICA

*Inlustricema Cenhora MARIA RITA
do Porto:*

*Eu çou um inleitore de Hafrika que
tâmem tanho dreito a concurrere hos
premios que Bancê anonçia, mais num o
poço fazer proquê memo que escrebêce
nonca cigarião as cartas ó tempo de
intrare nos suprassitados concuços!...*

*Se Bomecê foçe boua molhere abia
de centintre que os que caestão tá-mem
pudecem concurrere, bisto que nós tá-
mem pague-mos 1,5 (isto é um e meo
angolares) que memo cum a desbalori-
sassão bai a-lem de um melreii.*

Antão que é que axa a isto! Fassa-

*-me justiça! Isso num é porcessio de
nos lebar o carosso que nus costa a
ganhari.*

*Os que bibem na terra dos pertos
parese que de-bem tamem ter dreito á
bida, mais é todo pros d'hai.*

*Bou fazere uma rebullusão entre os
que çabem leri. Beja lá isso Cenhora
Rita! Cando não num pago mais os 1,50.*

*Antão isso é que é sere onesto? Ora
volas pra sua onestidade!*

*Ou cá tamem çou jornalista mais
isso é cá está bisto. Mais olhe que os
oitros que caestão pouco mais me lebam.
Embia-le compliments um*

Jornalista de Hafrica.

N. da R. — Descance o ilustre jornalista.
A MARIA RITA se Deus quiser não morrerá tão
cedo. E o concurso das Costas de Africa lá irá já
esteve mais longe.

Para
Pintar Use
Paredes

MURALINE

RUA DO ALMADA, 30-1.º — Tel. 2571

uma tinta que se

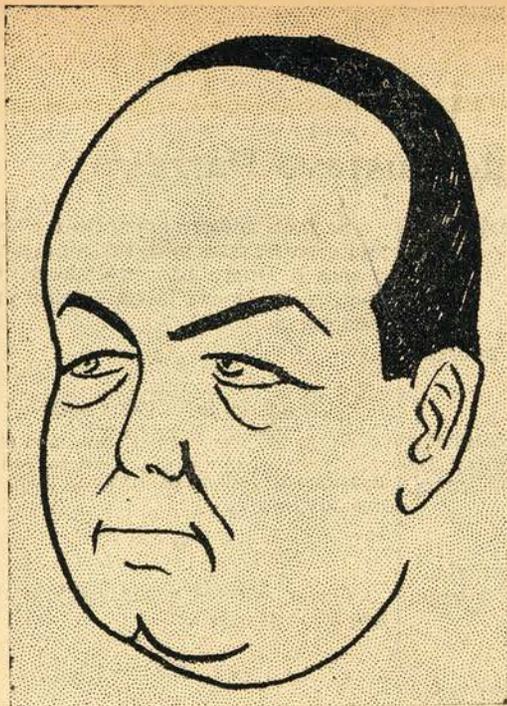
prepara em 10 minutos
seca em 10 horas
dura 10 anos

Aquilo que nós sabemos

Grande Concurso Poético da "MARIA RITA,"

Aí vai mote para a semana, e fica êste a ser o primeiro da série de 10:

.....
.....
.....
Mais lumes d'hoje em diante.



Adriano X. Nel

O primeiro poeta da "Rua das Musas". De onde se comprova que as musas e os galenos também não são incompatíveis.

Contos humorísticos

As cacianas iniciativas do Pigmaleão

O meu amigo Pigmaleão é um tipo concomitantemente simples e extraordinário. Posso mesmo *abinçar*: é um tipo único. Na sua privilegiada caverna craniana, à falta de conteúdo *sinfónico*, baralham-se as ideias mais estapafúrdias e espico-landríficas que é dado congelar-se. (Vocês já repararam que eu hoje estou caciano como burro? Pois, já agora, vai até ao fim).

E' verdade, já que falei em caciano, vá lá esta:

O meu amigo Pigmaleão chega a parecer-me um pão manipulado pelo célebre, *irundito* e nunca *aças* desentantado Damião de Cacia. (Com o Pérola Verde não quero paródias... Nada, que me podia ver azul!)

Na amassadeira dêle, digo, na caveira do Pigmaleão, revolve-se, com fúria *sabelina*, uma caldeirada de caolino, serradura, rolão, gêsso, etc., isto é, o que há de ideias mais *itiro Ogenias*.

Quando há tempos li na MARIA RITA aquele *proçço* para cultura de chapéus de palha... para os de Cacia, veio-me à *alemradura* uma *certia* de projectos de cultura congeminados pelo meu amigo Pigmaleão.

Mas isso fica para outra *incasião*. *Oge limitarei-me* a contar duas *gagices* do sugeito.

*

Eu já *les diçe* que para o Pigmaleão não é *impoçivels*? Se não *diçe* ficão o *çabendo* agora. Pois é *berdade*. Ora leiam:

Um belo dia passava eu na rua de D. Pedro Kinto, que *antiguamente* se *xamaba* do *Muinho de Bento*, e encontrei o Pigmaleão *centado* à borda do *paçejo*, tendo presa, entre os indicadores e os polegares das *mões*, uma piuga de bôca aberta. Em volta dêle,

um numeroso grupo de gaiatos, a que o nosso *iroi* não ligava *ninhuma*.

— Que fazes?! — perguntei, algo esquispático.

— O que vês: espero um pé de vento, para lhe calçar esta peúga... — respondeu êle, com o modo mais natural dêste mundo.

Dias depois, *açubia* eu o Chiado, (agora não se pode *açobiar* na rua...) quando vi o Pigmaleão sair de um oculista, trazendo nos *laibos* o mais radioso *çorriso* de *çastifassão*, e entre dois dedos um pequeno círculo redondo de *bidro*, tendo pendente uma correntinha de ouro.

Estaquei com os olhos boquiabertos!

O Pigmaleão desceu do *paçejo* e, chegando ao *çentro* da artéria *tranzuuntica*, *quelucou* o *objecto* no chão, com os requintes de cuidado com que uma mãe deita um filho... pela pia abaixo.

Voltou e, perante o meu ar espantado e admirativo, explicou, mais inoentemente que pode conceber-se:

Quis provar àquele tipo (e apontava para o interior da loja) que se pode colocar um monóculo no olho... da rua!...

BISNAU.

A Adega Ideal do Lavrador

tem actualmente espalhadas no Pôrto, Foz, Matozinhos e Valadares-Gaia, 14 ADEGAS:

R. do Bomjardim, 361-364 (Esq. da Trav. de Lioceiras), Telef. 5617; R. das Fontainhas, 193-195; R. do Teatro S. João, 91 (Vulgo Cima de Vila); R. de Santa Catarina, 828 (Frente à R. G. Cristóvam), Telef. 5802; R. da Constituição, 1395; Av. Fernão de Magalhães, 53-55, Telef. 2484;

L. Campo Mártires da Pátria, 54-55 (Vulgo Cordoaria); L. Maternidade Júlio Denis, 1 e 2 (Vulgo Campo Pequeno); Trav. da Bainharia, 24-26 (Esq. da R. dos Mercadores), Telef. 905; R. Anselmo Braancamp, 633; L. de S. Pedro de Miragaia, 5 e 7. NA FOZ — R. Senhora da Luz, 233-242, Telef. 314 — Foz. EM MATOZINHOS — R. Conde S. Salvador, 71-73 (Esquina da Avenida Serpa Pinto, Telef. 275 — Matozinhos. EM VALADARES — R. da Estação

Entrevistas sensacionais

Aposto dobrado contra singelo em como o leitor também já tem exclamado, referindo-se a qualquer atributo, ornamento ou contrapêso do corpo humano:

— Não sei que raio de serventia tem isto!...

E' contra o nariz, porque se passava muito bem sem êle, visto que só serve (segundo as más línguas) para meter... dentro do lenço, ou onde não é chamado.

Contra as orelhas, que nem servem para sacudir as mósas (excepto as dos cacianos), por serem pequenas e imóveis. Contra a língua, que a muitos só serve para dizer e fazer asneiras.

Ora, em face de tudo quanto consta dos autos, achei que o mais prudente, era ouvir os alvejados, porque cada um sabe de si...

Mas isto tem que ir por partes, e, como não podia deixar de ser, fui bater-me, em primeiro lugar, com

O Nariz

Sua Ex.^a recebeu-me com dois valentes espirros, de uma gentileza de-veras comovedora. Pudera. Se estava um frio de rachar, com a gente tãda encolhida, tãda metida em si...

Ao primeiro cumprimento que lhe disparei, antes de ter parado, retorceu-me o nariz, a querer trocar-me as voltas:

— Não diga mais! Já farei o que o trouxe por cá. Terei muito gôsto em tirar certas peneiras que há por aí. Aqui há tempos foi um literato espanhol que disse mal de mim. Ultimamente, o nosso querido patriarca Marcial Jordão também se manifestou, numa *Crônica*, abertamente contra mim. Por causa destas e doutras é que a gente às vezes espirra canivetes. Isto enquanto não começamos a espirrar picaretas, ou camiões carregados de pedra! E o Marcial Jordão, em lugar de queixas, devia ser muito grato ao seu aparelho fungativo. E' tão grande que dava para dois! Melhor para êle. Pois o nariz grande é sinal de grande... veia.

Bom, adiante. Como você está vendo, eu sou uma protuberância ou excrescência de carne e ôsso, com uma pele por fora, para não me desarmar.

E vou dar-lhe uma pequena amostra da minha incontestável utilidade. Um Fulano que precise usar lunetas, onde as poderia segurar, se não fôsse eu? E quando se quere dar um murro num gajo, se êle não tivesse nariz, o que é que se havia de esborrachar? Além disso, com o grande consumo que o burriê está tendo, principalmente desde que a D. Beatriz começou a vendê-lo, o nariz é uma grande fonte de receita. Mas se não existisse o nariz, não havia narismo, que foram buscar o nome ao pai. Ora leve lá esta pelas ventas!

Depois do que lhe disse, creio estar rehabilitado... para o prémio grande.

E o Peneço curvou-se um pouco, magestosamente.

Subi uns degrausitos, e fui encontrar-me com

As Orelhas

Como são muito bisbilhoteiras (ou não pertencessem ao sexo feminino...) tinham *manchado* tãda a conversa com o nariz. Não foi necessário, portanto expor-lhes o fim da minha *précuação*. Despejaram logo o... bolbo:

— Ora diga: se não fôssemos nós, o que é que os pais haviam de puxar aos filhos quando êles são pequenos e saem fora das calhas? Alguma coisa que, por virtude dos puxões, crescesse exageradamente? E depois? Onde é que se guardava! Claro que não podia ser! E nós somos inexcresíveis. Além do mais, para quem usa óculos, somos um grande auxiliar, principalmente quando se trate de pessoas que não tenham nariz para os ditos. A não ser que segurassemos as hastes (dos óculos, já se vê...) ao crânio, com dois parafusos...

Ouvidas as orelhas, entra agora

A Língua

— Gostava de saber, mas de forma positiva, qual é a sua verdadeira missão em terra.

— Enterra... enterra... Isto de enterrar a língua... Olhe: pergunte-o aos... Pilatos... aos Ciné... filados.

— Não é isso. Desejo saber qual é a sua verdadeira utilidade cá neste mundo.

— Bem, isso é outro cantar. A língua de vaca, estufada à jardineira...

— Perdão! Só me interessa, por agora, o que se refere à língua humana.

— Ah, temos várias aplicações. Ora diga: com que é que vocês lambiam os beiços quando se defrontam com uma pèga boa? E com que é que haviam de lambar o *verso*... quando apanham uma estampilha? E, ainda, o que é que deitariam de fora, em miúdos, quando a mestra lhes pregasse uma partida? E, para muitos, o que nós ajudamos a chupar burriê...

Senti-me bruscamente agarrado, Olhei em volta... mas não vi ninguém. Eram

As Mãos

que me fitavam risonhas e faziam cócegas. Dispus-me a ouvi-las:

— E' sobejamente conhecida a nossa utilidade. Servimos para muita coisa, que nem se pode dizer. Para dar dois estalos, para fazer... silhuetas, para fazer pala, etc. E para os cacianos, que

andam com a *gente* no ar, parecerem gente.

Os dedos, que fazem parte integrante da nossa personalidade física, são, afinal, as que mais se *amolam*. Há quem diga que cinco são de mais; umas, se fôssem menos, já não lhes poderiam chamar *mãos*, pois foram buscar o nome aos molhos de nabos... com cinco cabeças. Outros, então, acham ainda pouco, e às vezes aparecem com seis dedos numa mão (que é um burro de um ano). Os dedos são muito úteis principalmente para quem toca piano e *pífre*, e são para se conhecer o gigante. São também utilizados por certas meninas cinéfilas, para produzirem vibrações de T. S. F. (Talvez Se... Façam).

Os dedos teem unhas, pois sem elas não se chamariam dedos, mas sim outra coisa. Um dedo sem unha, não é dedo...

As unhas servem às mil maravilhas para arranhar, para tocar guitarra, para coçar o piolhinho, e ainda para meter em certos negocios. Muitos gajos se servem delas para não caírem do céu.

Assim falaram as mãos.

BISNAU.

Uma pergunta inocente

*O concurso dum jantar
Que farás no teu jornal,
E' coisa de apreciar
E que eu não acho mal.*

*Com um esforço pequeno
E a sorte a ajudar
Teremos no Madrileno
Um grandioso jantar.*

*Mas eu qu'estou em Lisboa
E que conto em concorer,
Se me sai prenda tão boa
Onde é que a hei de ir comer?*

N. B.

*Se fôsse antes veridial
Esse prémio almejado,
Então não havia mal:
Vinha p'ra cá despachado!*

Lx., 26-11-933.

JULIFER.

N. da R.

*Se por acaso calthar
Ser você um premiado,
O dinheiro p'ró jantar
Será daqui enviado.*

CARTAZ DE HOJE

Sá da Bandeira: A farsa musicada *Desculpa, ó Caetano*.

Rivoli: A comédia *Fetição e Fins de Festa*.

Ollimpia: O interessante filme *Sob uma falsa bandeira*.

Trindade: A comédia *Cabeleireiro de Senhoras*.

Batalha: O grande filme de espionagem *Mata-Hari*.

CONCURSO DUM BOM JANTAR

Com a cooperação gentil do antigo

Restaurante Madrileno

DA RUA DE SAMPAIO BRUNO

1.ª Série de 50 jantares

que serão sorteados pela loteria de hoje.

PLANO DO CONCURSO

Todos os exemplares da MARIA RITA serão numerados em séries de 01 a 100, como se vê na senha abaixo.

O Portador do exemplar cuja senha tenha a numeração dos dois últimos algarismos do número da sorte grande de hoje, virá à nossa redacção e ser-lhe-á trocada essa senha por um cartão que dá direito a um esplêndido jantar que lhe será servido gratuitamente pelo antigo

Restaurante Madrileno.

Além disso e para que facilitemos aos desprotegidos das loterias um bom jantar, igualmente será entregue um cartão idêntico ao portador de 10 senhas não premiadas.

Tôda a gente pode, poratnto, comer um esplêndido jantar, confeccionado por uma ementa deliciosa no grande e antigo

Concurso dum bom jantar

Senha N.º

Restaurante Madrileno

na Rua de Sampaio Bruno